

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 1 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-664-5 DOI 10.22533/at.ed.645192709 1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 370.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade. No 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional. Por fim, no 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - GÊNERO E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1	1
A DANÇA NA ESCOLA BILÍNGUE: INCLUSÃO DE SURDOS SOB O OLHAR DOCENTE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY	
Sandra Maria da Silva Oliveira Suelene Regina Dônola Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.6451927091	
CAPÍTULO 2	12
A DEFICIÊNCIA E HUMANIDADE: BREVE HISTÓRICO	
Anna Paola Xavier Chiaradia Lurdes Caron	
DOI 10.22533/at.ed.6451927092	
CAPÍTULO 3	22
AFETIVIDADE, INCLUSÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Elson Klusvick da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6451927093	
CAPÍTULO 4	34
BRECHÓ CASA DO ESTUDANTE: EU FAÇO PARTE DESSE PROJETO!	
Gabriel Macedo de Oliveira Janine Coelho Ouriques Catia Puppe Camila Flores da Rosa Hiassanna Hoppe Buske Larissa Buligon Brondani Lúcia Cherobini Prevedello Patrícia Petterini Robert Hugo Schoeffel Tatiana Alves Vaz Valeska Madruga Cera Vanessa Miolo	
DOI 10.22533/at.ed.6451927094	
CAPÍTULO 5	40
BRINCADEIRA DE MENINA, BRINCADEIRA DE MENINO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA	
Mateus Leonardo Cassimiro Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.6451927095	
CAPÍTULO 6	48
DESAFIOS DO EDUCADOR DIANTE DA VIOLÊNCIA PERPETRADA NA ESCOLA POR MEIO DOS CANAIS VIRTUAIS	
Isaura Maria dos Santos Mario Augusto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6451927096	

CAPÍTULO 7	57
EDUCAÇÃO E EXTRATIVISMO VEGETAL COM A ETNIA CHIQUITANA, FRONTEIRA BRASIL/ BOLÍVIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Denildo da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6451927097	
CAPÍTULO 8	67
EDUCAÇÃO POPULAR, ECONOMIA SOLIDÁRIA E O EMPODERAMENTO FEMININO	
Elisângela de Oliveira Fontoura Geraldo Augusto Locks João Eduardo Branco de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6451927098	
CAPÍTULO 9	78
GÊNERO E EDUCAÇÃO: ENFRENTAMENTO DE VIOLÊNCIAS	
Luan Felipe Alves Couto Mareli Eliane Graupe	
DOI 10.22533/at.ed.6451927099	
CAPÍTULO 10	85
GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS A PARTIR DA ANÁLISE DO RELATÓRIO “JOGO ABERTO” EMITIDO EM 2017 PELA UNESCO	
Francisco Cláudio Araújo de Castro da Paz Francisco Eduardo Araújo de Castro da Paz Madison Rocha Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.64519270910	
CAPÍTULO 11	96
INVESTIGAÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
José Cleferson Alves Ferreira da Silva João Paulo de Oliveira Nunes Marianny de Souza Ana Paula Batista de Almeida Mônica Fagundes dos Santos João Paulo Alves de Albuquerque Cícera Lopes dos Santos Maria Lusia de Moraes Belo Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.64519270911	
CAPÍTULO 12	106
O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO (PEI) NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	
Tânia Mara dos Santos Bassi Vilma Miranda de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.64519270912	
CAPÍTULO 13	117
PRÁTICAS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Andréia Miranda de Moraes Nascimento Luana Paula Carvalho Silva Gabriela Regina Miguel Reis	
DOI 10.22533/at.ed.64519270913	

CAPÍTULO 14 125

PROMOÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PARQUE DE SALVADOR

[Andrea Oliveira D’Almeida](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270914

PARTE 2 - INTERDISCIPLINARIDADE

CAPÍTULO 15 136

EDUCAÇÃO DO CAMPO: O QUE MERECEM SEUS SUJEITOS

[Claudenir Bunilha Caetano](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270915

CAPÍTULO 16 153

“ESCOLA SEM PARTIDO”: CRISE NA EDUCAÇÃO?

[Franciane Sousa Ladeira Aires](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270916

CAPÍTULO 17 165

HUMANISMOS FILOSÓFICOS EM INTERFACE COM O HUMANISMO CRISTÃO NUMA PROPOSTA EDUCACIONAL

[Francisco de Assis Carvalho](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270917

CAPÍTULO 18 177

JOVENS E FORMAÇÃO INTERNACIONAL: SEMANA ACADÊMICA DO BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA DA FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI NA ITÁLIA

[Patrícia Wazlawick](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270918

CAPÍTULO 19 196

MEDIANDO SIGNIFICAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DE SENTIDOS

[Poliana Fernandes dos Santos](#)

[Bárbara Garcia Ferri](#)

[Claudia Gomes](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270919

CAPÍTULO 20 208

O APRENDIZADO NO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM DESIGN DE INTERIORES COMO TEMA DE PESQUISA

[Joseane Aparecida Ipolito](#)

[Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270920

CAPÍTULO 21 216

O CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS DO CENÁRIO RURAL CONTEMPORÂNEO

[Ivone Barbosa Targa](#)

[Roberto Kanaane](#)

DOI 10.22533/at.ed.64519270921

CAPÍTULO 22	227
O ENSINO NO BRASIL E A FORMAÇÃO DA DISCIPLINA GEOGRAFIA	
Jone Clay Custodio Borges	
Marcelo Rodrigues Mendonca	
DOI 10.22533/at.ed.64519270922	
CAPÍTULO 23	237
O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: NO CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR	
Thiago Ferreira de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.64519270923	
CAPÍTULO 24	247
O JOVEM E A SUA SEGUNDA VIDA BASEADA EM ESTEREÓTIPOS E O DIFERENCIAL DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA	
Ana Carolina Marzzari	
Eloisa Vieira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.64519270924	
CAPÍTULO 25	256
O PENSAMENTO ESPACIAL QUE ATRAVESSA A MATEMÁTICA E A CARTOGRAFIA: FAZER-SE PROFESSOR(A) ENTENDENDO O PENSAMENTO DAS CRIANÇAS	
Denise Wildner Theves	
Lenir dos Santos Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.64519270925	
CAPÍTULO 26	269
PLANTANDO DÁ, EM BUSCA DE UMA VIDA SAUDÁVEL	
Sandra Berro Maia	
Andréa Magale Berro Vernier	
Luciana Pinheiro Silveira Alfaro	
Alan Pedroso Leite	
Bárbara Gehrke Bairros	
DOI 10.22533/at.ed.64519270926	
CAPÍTULO 27	279
PRODUZINDO AVALIAÇÕES DE QUALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS	
Talita Emídio Andrade Soares	
Denilson Junio Marques Soares	
DOI 10.22533/at.ed.64519270927	
CAPÍTULO 28	285
REFLETINDO A EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI	
Iracema Cristina Fernandes da Silva	
Terezinha Fernandes Martins de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.64519270928	
SOBRE O ORGANIZADOR	295
ÍNDICE REMISSIVO	296

O ENSINO NO BRASIL E A FORMAÇÃO DA DISCIPLINA GEOGRAFIA

Jone Clay Custodio Borges

Universidade Federal de Goiás

Regional Catalao – Catalao/GO

Marcelo Rodrigues Mendonca

Universidade Federal de Goiás

Regional Catalao – Catalao/GO

RESUMO: O ensino no Brasil é aplicado desde o descobrimento por um interesse individual, marcado primeiro pela transformação da fé os nativos que aqui se identificavam. Depois por um interesse econômico e abandonado pelas reformas de Pombal. Seque-se o nivelamento caracterizado pelo ensino elitizado e excludente. É no século XX, que disciplinas como a Geografia passa a fazer parte das discussões curriculares quando é evidente suas discussões entre os principais professores que aqui chegavam.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO, GEOGRAFIA, DISCIPLINA, REFORMAS

EDUCATION IN BRAZIL AND TRAINING OF DISCIPLINE GEOGRAPHY

ABSTRACT: The teaching in Brazil is applied since the discovery by an individual interest, marked first by the transformation of the faith the natives that identified themselves here. Then for an economic interest and abandoned

by the reforms of Pombal. Dry up the leveling characterized by elite and excluding education. It is in the twentieth century that disciplines such as Geography become part of the curricular discussions when it is evident their discussions among the main teachers who arrived here.

KEYWORDS: TEACHING, GEOGRAPHY, DISCIPLINE, REFORMS

1 | INTRODUÇÃO

No Brasil o ensino foi ministrado por vários séculos de forma elitista e excludente, com atendimento a uma pequena camada da população. Em um primeiro momento, o ensino foi ensinado pela missão jesuítica na razão e na doutrinação o salvamento das almas perdidas da nova terra conquistada. Após três séculos de um ensino ministrado por jesuítas, a primeira reforma, ministrada e definidas pelo Primeiro ministro português Marquês de Pombal. Na verdade uma reforma que deixava o ensino brasileiro mais confuso e sem direção.

No período Imperial a instrução teve como objetivo o atendimento a todos, um ensino gratuito para todos os cidadãos, mas no caso do Brasil nem todos eram considerados cidadãos. Não ocorreu uma preparação para a formação de professores que atendesse

todas as vilas, cidades e lugares, nem mesmo uma remuneração. O que ocorreu foi um verdadeiro abandono do poder público e das províncias para a tarefa de estabelecimento de diretrizes educacionais independente do Império.

O final do século XIX, o Brasil passa por novas transformações, estas na política com a República; a sociedade apresentava-se com a introdução da indústria mesmo que precária, mas já se fazia presente e o urbano aumentava seus contingente e sua economia voltava-se para um país cada vez mais exportador de produtos primários e importador de bens industrializados. No país novas políticas se apresentavam para a Educação. Estas políticas tinham como tarefa ministrar novos saberes, novos conhecimentos, e entre esses novos saberes, a Geografia como Ciência passa a ser inserida nos currículos juntamente com a História. O ensino de Geografia torna-se mais visível e mais dinâmico após a segunda metade do século XX tornando-se institucionalmente como ciência acadêmica.

2 | O ENSINO NO BRASIL

O ensino no Brasil se apresenta com uma longa e dolorosa busca de compreensão, de aplicação e de incentivos de financiamentos públicos, dessa forma como identificar uma real qualidade educacional, mesmo sendo aplicadas uma série de “reformas”, cada uma delas buscando atingir a uma pequena clientela e pelas quais não se realizaram atingindo a todos, mas apenas alguns que no fim, a educação de todos acabava da mesma maneira, poucos tinha o acesso.

Ao realizar uma viagem pela história pode se perceber que na maioria dos casos, o objetivo de se ensinar apresentava a um objetivo específico: um atendimento ao que possa estar mais bem posicionado na classificação de poder maior. Historicamente a nossa educação se fez atendendo uma pequena e necessária formação ao crescimento individual e não coletivo.

No período colonial, o ensino jesuítico, atendia a quem; aos nativos ou aos padres portugueses. Porque uma evangelização se os indígenas já apresentavam um cunho religioso. Catequizar ou transformar uma cultura. Não seria mais interessante aprender e não ensinar naquele momento. Conhecer a realidade da nova terra, descobrir suas riquezas junto com aqueles que aqui a conheciam. O Brasil Colônia configurou-se como uma caixa introdutória de um pensamento de padrões divergentes, uma realidade na qual não tinha menor sentido. Então já se percebe que o trabalho dos jesuítas caiu em descrédito, mas permaneceu por mais de dois séculos.

As “reformas” do Marquês de Pombal, um ministro que nada tinha a ver com o Brasil, mas introduziu um ensino para a formação de uma cidadania nacional português, do que um sentimento de formação de um novo país. Um tirano déspota que tinha como maior objetivo a melhoria da economia portuguesa, não foi uma

reforma educacional, foi uma tentativa de recolocar Portugal entre os grandes centros do cenário econômico, social e político da Europa.

Nos anos 1700 e 1800, o cenário europeu caracterizava-se pelas transformações advindas da Revolução Francesa e Revolução Industrial, uma realidade marcada pela expansão capitalista inglesa por novos mercados e busca constante de domínio de Napoleão Bonaparte. Em meio dessa disputa o reino de Portugal que se vê obrigado a se aliar a um dos lados, assim a coroa portuguesa chega às terras brasileiras.

O período em que ficou estabelecida aqui, a colônia ganha à denominação de Reino Unido a Portugal e Algarves, e procurando melhorar as estruturas de suas colônias, várias alterações ocorreram, e entre elas à criação do Banco do Brasil, do Museu Nacional, da Biblioteca Real, da Escola Real de Belas Artes, do Observatório astronômico, além de vários cursos, entre eles vários de nível superior.

Sem dúvida, a vinda de D. João deu um grande impulso à cultura no Brasil. Em abril de 1808, foi criado o Arquivo Central, que reunia mapas e cartas geográficas do Brasil e projetos de obras públicas. Em maio, D. João criou a Imprensa Régia e, em setembro, surgiu a Gazeta do Rio de Janeiro. Logo vieram livros didáticos, técnicos e de poesia. Em janeiro de 1810, foi aberta a Biblioteca Real, com 60 mil volumes trazidos de Lisboa. Criaram-se as Escolas de Cirurgia e Academia de Marinha (1808), a Aula de Comércio e Academia Militar (1810) e a Academia Médico-cirúrgica (1813). A ciência também ganhou com a criação do Observatório Astronômico (1808), do Jardim Botânico (1810) e do Laboratório de Química (1818) (HistóriaMais)

Os mais de três séculos dominados por Portugal criou-se na colônia uma característica de estar sempre voltada a necessidade externa sem se preocupar com os valores locais. Na oportunidade acrescida de mecanismos que interagem com a nova realidade capitalista por novos mercados, culminou a emancipação política da colônia, mas esta nova realidade marcada nitidamente pela valorização e dominação de uma classe social ainda dominante, a elite senhorial brasileira.

Com a independência a colônia portuguesa na América tinha a oportunidade de desenvolver uma total reformulação, tanto na organização social, quanto na política, na economia, e na cultura, um novo país, uma nova proposta para a formação do povo brasileiro. Um novo princípio elaborado por uma nova Constituição e setor educacional apresenta novos caminhos. Caminhos estes marcados pela nova instrução no país. São sugeridos em intensos debates, novas leis para a aplicação da educação e como Primeira Lei sobre a instrução pública nacional no império. Silva e Souza assim argumentam sobre a lei:

Esta lei regulamentava diversos pontos importantes para o funcionamento da educação em todo o país, estabelecendo procedimentos nesta área comum, de norte a sul do Brasil. Composta de dezessete artigos abrangendo temáticas como: expansão de escolas públicas, salários para professores, métodos de ensino, currículo, repetência, admissão e escolas para meninas. (SILVA; SOUZA, 2011, p. 71)

Sobre a lei é frisar que não houve uma perfeita incorporação nas práticas de ensino do país, pois os recursos necessários para sua efetivação não foram

suficientes para todas as áreas do país, nem mesmo o método de ensino estabelecido não conseguiu atingir um objetivo real no processo de instrução.

Nos finais do século XIX e o início do século XX, o país passa por novas e profundas transformações, um novo estágio com a República, nova política, novos alicerces para a promulgação de novas ações para o progresso do país, entre estas, a Educação. A cultura escolar coloca o Brasil a novos caminhos no crescimento econômico, na qualificação do trabalho e a validação da nova ordem política instaurada.

Para que realmente a cultura escolar levasse o Brasil a uma nova etapa referente ao progresso econômico, político e social, as escolas precisavam chegar a todos os lugares e também terem profissionais que pudessem capacitar e permitir a formação de novos cidadãos.

Outra preocupação era com a estrutura física da escola (salas de aula, sala dos professores, sala do diretor, espaço para recreio e alojamento para os alunos), com materiais didáticos apropriados para o desenvolvimento do binômio ensino-aprendizagem, mobília adequada aos alunos, escola para meninos e meninas no mesmo espaço físico, porém com seções ainda divididas. Neste período nasce um importante personagem na estrutura educacional, o diretor escolar, que fiscalizava os trabalhos dos professores e a organização da escola como um todo. (SILVA; SOUZA, 2011, p. 73-4)

Assim, com estas condições poderia concluir que no Brasil caminhava-se para uma verdadeira e nova estruturação da educação. Novas associações são criadas com o objetivo de estarem sempre discutindo a questão educacional no Brasil, buscando meios para melhorar a qualidade e oferta do ensino público no país.

Ao longo do século XX várias foram às reformas educacionais propostas com o objetivo sempre atingir da melhor maneira possível todos os interessados. Estes, no entanto, nem sempre obtinham os resultados satisfatórios e com qualidade, no caso em cada uma das reformas na educação um propósito diferente e que atingia uma pequena parcela da população.

3 | O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

O processo de ensino no Brasil em seu primeiro momento, por mais de 400 anos, um ensino excludente, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso. No período colonial o ensino caracterizado pelo método elementar apenas os filhos da elite colonial chegavam às escolas. Mesmo com a expulsão dos jesuítas promovida pela Reforma de Marquês de Pombal, o ensino não sofreu alterações, pelo contrário, ocorreu um processo de estagnação. As propostas de reformas no ensino brasileiro empregadas pelo ministro português não avançaram para atender toda a população, na verdade ocorreu como um processo de paralização do projeto educacional efetuado até então pelos padres jesuítas.

O ensino elitista e excludente é ainda caracterizado por uma vontade de “Deus”

e assim estes poderiam desfrutar o saber ler, o saber escrever e o saber contar como um aprender que não poderia ser destituído. Além de ser elitista e excludente, o ensino por vários momentos não teve o compromisso do Estado em organizá-lo visando atender a todos e não apenas uma minoria. A própria situação econômica do país o caracterizava como uma ideia de superioridade e ainda delegava aos escravos (negros), aos mulatos e aos brancos pobres a responsabilidade de não alcançar o aprendizado devido. O ensino era dificultado, era negado, até mesmo aos seus filhos.

Nem mesmo com a chegada da Família Real em 1808, o processo de ensino no Brasil não modificou, o mesmo continuou excludente, neste momento estabelece o chamado ensino mútuo, onde os próprios estudantes se ajudavam no processo de ensino aprendizagem. É a partir da independência e com a construção do Colégio Pedro II que os caminhos da educação passam a se transformar, buscando-se novos processos de ensino e de disciplinas a serem incorporadas no currículo, uma delas o ensino de Geografia.

Este ensino era até então restrito apenas as repartições públicas, e com aulas que vagamente descreviam as paisagens do território brasileiro como informações aos europeus do magnífico e exuberante território conquistado. Percebe tais relatos pela própria notícia que se dava da nova terra, pelos escritos de Pero Vaz de Caminha na carta ao rei de Portugal:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé! E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo. E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro — o que d'ela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza. Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500. (Pero Vaz de Caminha – Unama)

Relata-se não apenas as descrições da paisagem, mas também das riquezas desejadas pela coroa portuguesa, e também da questão de pregar a fé aos nativos como única maneira de salvar sua gente. As atividades de Geografia são, no entanto mais caracterizados e que vão influenciar os professores na sua prática com a obra do Padre Manuel Aires de Casal, “Corografia Brasílica”, que apresenta em suas páginas conteúdos descritivos de países e povos.

Senhor:

A descrição geográfica do vasto Reino que a Providencia confiou a V. R. Majestade na América é o assunto da obra que respeitosamente ofereço a V. R. Majestade, como Sua, por muitos títulos. Nela se acha a História do Descobrimento do Brasil em 1500, até o ano de 1532 em que este País foi repartido em Capitâneas: mostra-se a época, o método da colonização, e o atual estado das povoações, e produções da agricultura e indústria de cada uma delas: indica-se o que há de mais notável em a Natureza; como são rios, lagos, montes, cabos, portos, ilhas, animais, minerais e vegetais: acrescento enfim um apêndice das duas províncias civilmente anexas à do Grão-Pará. Persuado-me que uma tal obra merecerá o acolhimento que V. R. Majestade costuma prestar a tudo que pode ser útil a seus vassallos, a cujo proveito sacrifiquei os melhores anos de minha vida empreendendo esta obra original e tão superior às minhas forças, e cabedais, que por vezes, descorçoado à vista de um tropel de dificuldades, determinei abrir mão da empresa: Assim aconteceria se não me dominasse uma simpatia por esta ciência encantadora e conjuntamente me alentassem amigos inteligentes e patriotas receosos de que os meus trabalhos e fadigas descessem comigo à sepultura. Digne-se V. R. Majestade aceitar uma oferta, ainda que pequena para meu desejo, contudo devida a V. R. Majestade Deus guarde a Sagrada Pessoa de V. R. Majestade por mui dilatados e felizes anos. (CASAL, SÉC. XVIII, p. 15)

Uma obra que evidenciava a importância dos estudos geográficos e determinava a disciplina a ser inserida no currículo do sistema escolar brasileiro, mesmo que como uma disciplina secundária. Veja as descrições, na introdução da obra do Padre Manuel Aires, dos aspectos naturais, do processo de colonização com atividades econômicas estabelecidas, da divisão do território com as capitâneas hereditárias. Entende-se que já era visto a necessidade de uma regionalização do Brasil, contribuindo para o desenvolvimento da colônia e inseri-lo na economia mundial.

É no Colégio Pedro II que a disciplina de Geografia passa a ser ministrada como parte do currículo escolar, mesmo o ensino sendo ainda elitista e excludente. Sua prática é moldada nos modelos dos colégios liceus franceses, e é atribuída a formação dos filhos dos Senhores escravocratas que tinham o desejo de entrar na carreira política e com os estudos geográficos assimilavam capacitação para tal desejo.

Os liceus franceses discutiam sobre o interesse do público em aprofundar o conhecimento sobre o mundo em expansão, a produção de novos mercados em consequência das questões políticas que a Europa vivenciava revoluções inglesas e francesas. O que se caracterizava no ensino no Brasil era de explicar através das enciclopédias as descrições dos novos lugares e como poderiam estar inseridos em um mundo em constante expansão.

A separação da Geografia e da História foi à nova reforma realizada no colégio Pedro II, e as discussões voltaram-se para a Geografia com cunho científico, uma discussão que se passara na Europa buscando avançar nos estudos humanistas, ou seja, valorizar as realizações sociais em apenas descrever os aspectos naturais sem nenhuma associação.

A Geografia como ciência ganha corpo na Alemanha, com o aperfeiçoamento

de uma descrição para uma orientação baseada em teorias e por explicações metódicas o que vem a contribuir a formação do Estado alemão. O conhecimento estratégico torna-se fundamental para a expansão e formação do Estado alemão, em questão atrasado sob as demais nações europeias. A França após a vitória alemã refaz sua proposta de ensino e avança sobre o discurso ideológico extraído das práticas militares, das discussões políticas e econômicas acerca da expansão das relações no mundo. É aqui que o sistema de ensino tem como fundamento o papel de fortalecimento da identidade nacional, o patriotismo e o domínio dos territórios, conhecendo-os e deles fazendo sua expansão e controle político.

4 | A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

No contexto de significativas transformações na organização socioespacial do mundo a Geografia ganha corpo como ciência. Na Europa a expansão das relações capitalistas com o crescimento das atividades industriais e a conquista de novos territórios aumenta a relação de cada lugar na perspectiva econômica mundial.

No campo científico radicais transformações ocorrem redefinindo a importância de se conhecer as individualidades, os conceitos novos para dar suporte a um novo discurso de pertencimento, mesmo que seja tomado por contradições na ordem de domínio prevalece sempre com a busca de disciplinar os saberes.

É na Alemanha do século XIX que a Geografia passa a ganhar caráter de disciplina científica, no contexto de transformações territoriais pelas quais o mundo passa, a América torna-se livre politicamente e a necessidade de expansão comercial advindos da Revolução industrial faz-se necessárias novas áreas de exploração de recursos naturais.

É no continente africano que se caracteriza a dominação europeia, o novo imperialismo, expansão e domínio territorial. A Alemanha e a Itália ainda não se via constituída como uma força política e econômica. A geografia é tida como elemento de reconhecimento, conquista e domínio territorial, além de ser estratégia de construção e fortalecimento da identidade nacional. As transformações socioespaciais caracterizadas pela compreensão de novos saberes e deles tornar meios para a nova realidade.

O contexto específico do surgimento da geografia enquanto ciência moderna diz respeito a um intenso processo de transformação sócio-espacial do mundo. Estas transformações atingem a sociedade europeia de forma intensa e aos poucos, se expandem como visão do mundo dominante para diversos territórios. Tais transformações se sustentam e são resultados, de um lado, da expansão do modo de produção capitalista a partir da industrialização e do imperialismo. Do outro, decorrem de uma radical transformação na organização científica que resultará no predomínio do Positivismo enquanto método “absoluto” no processo de construção do conhecimento. (GIROTTI, 2010, p. 167)

Veja que a geografia como ciência esta associada com as transformações

sociais, políticas e econômicas pelas quais passavam a Europa e com reflexos em todos os lugares do mundo relacionando-se com as contradições do desenvolvimento do capitalismo e com a necessidade de contribuição do conhecimento das especificidades e das particularidades de cada um.

No caso da América, no Brasil, as transformações na ciência geográfica aparecem no século XX, precisamente após a década de 1930, quando pela primeira vez seu ensino é destaque na Constituição. Na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo é incorporado o primeiro curso, este com a presença de professores vindos do estrangeiro como Deffontaines e Pierre Monbeig, todos da escola lablachiana.

O Brasil também vivia grandes mudanças políticas e sociais, desde o final do século XIX, transformações significativas, como a Proclamação e instauração da República, do processo de libertação do trabalho escravo (abolição da escravatura). Tais acontecimentos caracterizavam no país a busca de uma construção da real identidade brasileira e formação do seu próprio território nacional enfatizadas durante a Guerra do Paraguai.

Mas as mudanças na identificação e formação de uma nova nação ainda não se manifestavam na formação econômica, que se mostrava igual, a de uma nação totalmente agrária e exportadora e com grandes desigualdades sociais. E nos anos seguintes que esta formação começa a ter suas primeiras transformações. Os anos 1930 são caracterizados pelo declínio das oligarquias rurais e presença de transformações para o crescimento das primeiras indústrias verdadeiramente nacionais.

No contexto da transformação rural a urbana no Brasil, a Geografia passa a se tornar cada vez mais uma ciência. Esta institucionalização inicia com a introdução da disciplina no Colégio Pedro II e se intensifica com a criação do 1º curso na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências na USP.

É no governo de Getúlio Vargas que a geografia incorpora o discurso da industrialização e valorização da nação brasileira, estimulando o crescimento a inserção do país no circuito econômico mundial. É aqui também que se tem a maior aproximação das diversas regiões do Brasil, com a criação do IBGE, que tem a tarefa de elaborar a proposta de regionalização levando como critério as características naturais e econômicas.

É com Vargas que se a formação de um país unificado, o propósito de expansão e desenvolvimento, de todas as regiões, permitir a ligação entre todos e expandir o desejo de se formar uma força na América do Sul. A construção de uma identidade nacional se destaca com o crescimento do ensino de geografia no país. Obras de diversos autores discorrem sobre o contexto de reformas sociais, econômicas e políticas no país a partir de 1930. Assim diz Giroto:

Neste sentido, para entendermos um pouco mais sobre o lugar do ensino neste período de institucionalização da ciência geográfica no Brasil e sua articulação

com um projeto de sociedade, iremos agora nos debruçar sobre a obra de alguns dos principais autores da época. Não nos cabe aqui fazer uma leitura exaustiva dos mesmos. O que nos interessa é discutir aquelas obras e autores que demonstraram em seus escritos o papel do ensino de geografia no interior da Sociedade Brasileira como Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Delgado de Carvalho. (GIROTTTO, 2010, p. 174)

O Brasil transformava-se e uma característica de um país rural para um crescimento urbano e industrial. Uma contribuição importante da Geografia e seus autores, buscar uma melhor explicação para a presença cada vez maior das cidades como significativas na paisagem brasileira a partir de então.

É fruto do trabalho do geógrafo compreender as transformações que se passam nos lugares e como conseguir relacioná-los. A Geografia e sua institucionalização iniciam-se com as transformações que ocorrem na formação e instituição de novas nações na Europa, e ao mesmo tempo elas chegam aos diversos lugares, entre eles o Brasil que caminha junto influenciado pelo desenvolvimento do conhecimento geográfico mundial.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Geografia no Brasil teve sua maior atividade com a criação do Colégio Pedro II, nele foi introduzido como uma disciplina secundária e que valorizava o estudo de formação dos filhos dos senhores a vida política. Antes desta inclusão, pode perceber um estudo geográfico apenas como descrição das características naturais da nova terra, como nos relatos da carta de Pero Vaz que enviava ao rei português. Fazia-se um relato das paisagens naturais, do relevo, dos rios e vegetação e descrevia que não encontrara riquezas preciosas.

A Geografia como ciência é introduzida pelo próprio crescimento dela no cenário mundial, marcada pelas transformações pelas quais passam a Europa nos fins do século XIX. É na Alemanha que se institucionaliza e expande para outros lugares com seu método e definição de objeto. Chega ao Brasil influenciado principalmente pelos estudos da escola francesa, e sua incorporação com disciplina acadêmica tem destes os principais professores. No Brasil, a disciplina Geografia ganha seu porte de caráter científico a partir de 1930. E os anos 1970 no decorrer do regime militar passa a se junto com a História as Ciências Sociais. A realidade brasileira exigia a novas estruturas acadêmicas, o pensamento sobre o que ocorria não permitia e junção de duas ciências básicas como História e Geografia. A renovação geográfica era idealizada, e com um teor crítico consolida a Geografia como ciência e a maior aproximação entre a Universidade e a Sociedade.

REFERÊNCIAS

- CASAL, Manuel Aires de. **Corografia Brasilica ou Relação Histórico-Geográfica Do Brazil**. Rio de Janeiro. Imprensa Régia M.DCCC. XVIII. FAC. Simile do frontopioio da Primeira Edição.
- FELICIANO. Léia A dos Santos. **O Ensino de Geografia no Brasil: Do Colégio Pedro II a Universidade de São Paulo – 1837 a 1934**.
- GIROTTTO, Eduardo Donizete. **O Lugar do Ensino no processo de institucionalização da Geografia no Brasil**. Perspectiva n.6, 2010. UNIOSTE.
- MARTINS, Paulo. **A Carta de Pero Vaz de Caminha. NEAD – Núcleo de Educação a Distância – Belém – PA UNAMA pdf**.
- NASCIMENTO, Maria Izabel Moura. **O Império e as primeiras tentativas de Organização da Educação Nacional (1822- 1889)**. HISTEDBR – 1986-2006. Faculdade de Educação – UNICAMP.
- SECO, Ana Paulo; AMARAL, Tânia Conceição Iglesias do. **Marquês de Pombal e a Reforma Educacional Brasileira**. HISTEDBR – 1986-2006. Faculdade de Educação – UNICAMP.
- SILVA, Adailton Soares da; SOUZA, Aneilton Oliveira de. **Política Educacional no Brasil: Do Império a República**. Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE ano 5 n. 5 dezembro de 2011.
- A Vinda da Família Real ao Brasil em 1808 – **História Mais**. Acessado em 29 de março de 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33

Alimentação 13, 60, 108, 127, 130, 131, 143, 218, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 277

Anos iniciais 256, 257, 258, 259, 260, 261, 266, 267, 268

B

Bacharelado em ontopsicologia 177, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193

Brechó 34, 36, 37, 38

Brinquedos 40, 41, 42, 44

C

Chiquitano 57, 58, 60, 61, 64, 65, 66

Conhecimento tradicional 57

Criança 10, 20, 23, 29, 30, 31, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 56, 115, 119, 120, 127, 129, 147, 161, 206, 266, 267, 268, 269, 272

Crise 69, 70, 71, 134, 141, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 170, 174, 184, 201

Cultura da paz 97, 103

Curso técnico em agropecuária 216, 217, 221

Cyberbullying 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

D

Dança 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 120, 123, 130, 132

Desafios 4, 9, 20, 26, 27, 31, 37, 48, 50, 52, 53, 55, 57, 58, 64, 76, 84, 85, 86, 87, 93, 94, 96, 98, 99, 141, 142, 149, 175, 216, 241, 261, 271

Design de interiores 208, 209, 214

Disciplina 1, 2, 5, 81, 118, 154, 167, 168, 187, 190, 227, 232, 233, 234, 235, 258, 262, 285, 288

Docência 113, 153, 160, 256, 261, 267

E

Economia solidária 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Educação do campo 76, 136, 137, 138, 139, 146, 150

Educação especial 2, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 124

Educação inclusiva 1, 2, 3, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 33, 106, 110, 115, 206

Educação musical 117, 121

Educação popular 67, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 138, 139

Educação profissional agrícola 216

Educador 5, 21, 27, 30, 31, 48, 53, 72, 88, 125, 126, 127, 129, 131, 144, 153, 154, 160, 166, 171, 172

Egressos 208, 209, 212, 213, 220, 222

Empreendedorismo 34, 36, 38, 75, 218, 219, 220, 226

Ensino 1, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 50, 51, 52, 53, 54, 61, 79, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 92, 96, 99, 101, 103, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 139, 141, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 155, 157, 165, 166, 178, 180, 184, 192, 193, 194, 198, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 258, 259, 260, 261, 262, 267, 268, 270, 284, 292

Ensino técnico 50, 54, 209, 212, 213, 214, 222

Escola 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 63, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 178, 198, 199, 201, 204, 208, 209, 210, 211, 213, 216, 221, 222, 229, 230, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 257, 258, 260, 261, 264, 265, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 284, 289, 290, 291, 292, 293

Escola bilíngue 1, 2, 3

Escola sem partido 78, 79, 83, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164

Estudos de gênero 78, 80

F

Feminismo 67

Formação 5, 9, 21, 26, 29, 31, 34, 35, 36, 38, 39, 59, 71, 74, 79, 86, 87, 88, 93, 98, 99, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 126, 127, 129, 131, 133, 135, 136, 143, 146, 149, 150, 151, 162, 167, 168, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 198, 206, 207, 209, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 239, 242, 252, 256, 257, 259, 261, 266, 267, 268, 282, 289, 292

Formação internacional 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193

G

Gênero 16, 25, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 62, 67, 68, 70, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 156, 157, 172, 198

Geografia 52, 98, 104, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 268

H

Histórico da deficiência 12, 13

Humanismo cristão 165, 172, 173, 175

Humanismos filosóficos 165, 166

I

Inclusão 1, 9, 11, 12, 13, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 74, 88, 89, 94, 105, 106, 111, 113, 114, 134, 142, 235, 243, 268, 277, 285, 290, 291

Inclusão escolar 22, 23, 27, 31, 32, 114

Infância 11, 40, 41, 44, 51, 115, 153, 202, 206, 256, 266, 267, 268

Internacionalização 177, 178, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 192

Intervenção educativa 97

J

Jovens 23, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 45, 46, 52, 54, 57, 62, 63, 73, 88, 91, 102, 104, 110, 122, 123, 130, 131, 138, 160, 161, 162, 163, 177, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 193, 195, 198, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 225, 242, 247, 248, 249, 250, 254

P

Pedagogia ontopsicológica 180, 247, 248, 252, 253, 254, 278

Pensamento crítico 126, 153, 154, 156, 162, 292

pensamento espacial 9, 256, 258, 260, 261, 264, 265, 266

Pessoas com deficiência 3, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 33, 107, 108, 117

Plano Educacional Individualizado (PEI) 106

Prática pedagógicas 55, 136

Professores 11, 23, 24, 27, 79, 81, 82, 86, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 102, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 129, 131, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 156, 157, 162, 163, 164, 168, 177, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 206, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 241, 242, 244, 256, 257, 258, 259, 261, 263, 264, 265, 266, 290, 292, 293

Projeto vencedor 247, 250, 251, 252

Protagonismo 34, 67, 74, 75, 194, 195, 256, 260, 269, 271, 274, 275, 278

Psicometria 279, 280, 284

R

Redes sociais 48, 50, 53, 55, 157, 242, 247, 248, 249, 251, 253, 254

Reformas 211, 227, 228, 230, 234

Relação ensino-aprendizagem 22, 31

Relatório “jogo aberto” 85, 86, 91

S

Sexualidades 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90

Surdo 1, 7, 10

Sustentabilidade 184, 195, 198, 219, 225, 269, 270, 278

T

Tecnologia 24, 26, 48, 55, 71, 182, 219, 220, 225, 247, 253, 288, 291, 292

Teoria clássica dos testes 279, 280, 284

V

Violência 29, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 71, 79, 82, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 104, 110, 163, 168, 174, 206, 242

Violência escolar 51, 92, 97, 104

Vivências 2, 37, 41, 132, 170, 181, 188, 198, 205, 242, 257, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 269, 271

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-664-5

